



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

Volume IV, número 2, jul-dez, 2023, pág. 224-241

**Medicalização na contemporaneidade:** um diálogo entre a fenomenologia existencial e a psicopatologia

**Medicalization in contemporaneity:** a dialogue between existential phenomenology and psychopathology

**La médicalisation dans la contemporanéité :** un dialogue entre phénoménologie existentielle et psychopathologie

**Janderson Costa Meira  
Ewerton Helder Bentes de Castro  
Jane da Silva Paes**

### **Resumo**

Este breve ensaio tem como objetivo trazer à discussão um olhar sobre a medicalização na contemporaneidade e sua imbricação com a psicopatologia fenomenológica. É trazida a perspectiva da medicalização e alguns dos vários fatores aí presentes, da percepção do não-pertencimento à busca de estabelecer o outro como referência culminando no auto isolamento presente nos dias atuais. Aspecto não menos importante é o que diz respeito à banalização atual do normal e o patológico que, maioria das vezes, imprime nesse outro o não conseguir caminhar por entre as várias solicitações originárias do nicho sociocultural e histórico, incitando à fragilidade e vulnerabilidades emocionais e existenciais. Por fim, e não menos importante, a Psicopatologia Fenomenológica em sua característica basilar do olhar o que sofre para além da hipótese diagnóstica ou quadro nosológico, possibilitando reconhecermos a pessoa em sua singularidade e modo muito próprio de ser ela mesma para além das requisições que o entorno traz. Conclui-se que refletir estas temáticas é enveredar pela perspectiva de que busquemos, na relação com esse outro que sofre, compreender a pluridimensionalidade do existir em seu aspecto basilar, ser humano e sua humanidade. Que possamos refletir que, a vida nos propicia aprendizagens incríveis, dentre estas, cremos que a mais fundamental é que as



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

peças buscam pelo sentido da vida. Lembremos, contudo, que a vida não tem sentido, vida é sentido.

**Palavra-chave:** Medicalização, contemporaneidade, normal e patológico, psicopatologia fenomenológica

### **Abstract**

This brief essay aims to bring to the discussion a look at contemporary medicalization and its overlap with phenomenological psychopathology. It brings the perspective of medicalization and some of the various factors present there, from the perception of non-belonging to the search to establish the other as a reference, culminating in the self-isolation present in the present day. A no less important aspect concerns the current trivialization of the normal and the pathological which, most of the time, imprints on this other the inability to walk among the various requests originating from the sociocultural and historical niche, inciting emotional and existential fragility and vulnerabilities. Finally, and not least, Phenomenological Psychopathology in its basic characteristic of looking at what suffers beyond the diagnostic hypothesis or nosological picture, allowing us to recognize the person in their uniqueness and very own way of being themselves, beyond the requirements that the environment brings. It is concluded that reflecting on these themes is to embark on the perspective that we seek, in the relationship with this other who suffers, to understand the pluridimensionality of existing in its basic aspect, human being and his humanity. May we reflect that life provides us with incredible learning, among which we believe that the most fundamental is that people seek the meaning of life. Let us remember, however, that life has no meaning, life is meaning.

**Keywords:** Medicalization, contemporaneity, normal and pathological, phenomenological psychopathology

### **Résumé**

Ce bref essai vise à apporter à la discussion un regard sur la médicalisation contemporaine et son imbrication avec la psychopathologie phénoménologique. Il apporte la perspective de la médicalisation et certains des différents facteurs qui y sont présents, de la perception de la non-appartenance à la recherche d'établir l'autre comme référence, aboutissant à l'isolement de soi présent de nos jours. Un aspect non moins important concerne la banalisation actuelle du normal et du pathologique qui, la plupart du temps, imprime sur cet autre l'incapacité de marcher parmi les diverses demandes issues de la niche socioculturelle et historique, incitant à la fragilité



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

et aux vulnérabilités émotionnelles et existentielles. Enfin, et non des moindres, la psychopathologie phénoménologique dans sa caractéristique fondamentale de regarder ce qui souffre au-delà de l'hypothèse diagnostique ou du tableau nosologique, nous permettant de reconnaître la personne dans son unicité et sa propre façon d'être elle-même, au-delà des exigences que l'environnement apporte. Il est conclu que réfléchir sur ces thèmes, c'est s'engager dans la perspective que nous recherchons, dans la relation avec cet autre qui souffre, pour comprendre la pluridimensionnalité de l'exister dans son aspect fondamental, l'être humain et son humanité. Puisse-nous réfléchir au fait que la vie nous offre un apprentissage incroyable, parmi lesquels nous pensons que le plus fondamental est que les gens recherchent le sens de la vie. Rappelons-nous cependant que la vie n'a pas de sens, la vie a un sens.

**Mots-clés** : Médicalisation, contemporanéité, normal et pathologique, psychopathologie phénoménologique

Há algo errado no reino da Cornualha! Este dito popular vem servir de modo apropriado ao tema que iremos abordar neste artigo, a medicalização na modernidade e a pluridimensionalidade de aspectos daí decorrentes.

Com o avanço da modernidade as pessoas não estão sabendo lidar com seu próprio cotidiano, e buscam uma solução de imediato, a medicalização. Pode-se dizer que, o surgimento das tecnologias e o avanço dela por estar sempre se atualizando, faz com que a sociedade busque cada vez mais o uso de medicamentos para enfrentar o bombardeio de informações que aparece a cada momento. O presente artigo busca apresentar uma revisão crítica, onde é feita uma imbricação entre os teóricos que dialogam sobre a temática, também chamada de estudo de revisão passiva, tendo em vista que analisaremos e sintetizaremos as informações disponibilizadas através do que já está publicado, por meio da avaliação crítica e discussão aprofundada da temática.

Percebe-se, na contemporaneidade, a busca por alternativas que supere a necessidade de minimizar a dor psíquica, o cansaço, o desespero e a angústia. Para



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

isto, a sociedade recorre a meios mais eficazes - neste caso a medicalização -, como melhor solução. Os estudos do fenômeno da medicalização tendem a se concentrar, primeiramente, em uma reflexão crítica sobre uma suposta intervenção do corpo individual, corpo social e modo de ser (Nascimento, 2015).

A medicalização é descrita sob várias nomenclaturas, tais como: prática massivas de intervenção médica, transformações de medicamentos transgressivos e desviantes em transtornos médicos, forma de controle social e imperialismo médico (Zorzaneli, Ortega, & Bezerra Júnior, 2014), entre outras concepções com as quais pode ser correlacionado o uso de medicamentos na atualidade. Concomitantemente, através de hipóteses de diagnósticos diferenciais, a psicopatologia é uma das áreas do saber na contemporaneidade que busca acompanhar esse movimento formado em torno da medicalização sob um viés científico.

A palavra "Psicopatologia" é trazida inicialmente por Emminghaus, cientista alemão em 1878. Entretanto, foi em 1913 com Karl Jaspers que a psicopatologia é compreendida como área do saber, através de sua obra máxima Psicopatologia Geral, quando expressa que a patologia não é somente uma perspectiva objetiva, rígida. Buscou compreender a partir do olhar do paciente acometido com diagnóstico patológico, e, com isso, Jaspers conseguiu, a partir daí, constituir um novo viés para a psiquiatria. A psicopatologia, nesse contexto, surge focada na compreensão da experiência vivida na patologia e não no tratamento, busca-se elaborar teorias, ainda que seja impossível separar teoria e prática (Bauchesne, 1993; Moreira & Sloan, 2002).

O campo da disciplina Psicopatologia foi além da psiquiatria, adentrando gradativamente na psicologia, e no decorrer dos anos o processo do que é dito anormal foi listado e classificado a partir do quadro nosológico - sinais e sintomas - e efetivado pela Classificação Estatística Internacional de Doença e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-11) e pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V). Precisamos considerar que nestes manuais já estão



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

listados novos transtornos mentais. A psicologia no Brasil, ainda segue modelos de países como Estados Unidos, Alemanha, França entre outros, com costumes, ritos e crenças totalmente diferentes do cotidiano brasileiro, categorizando as pessoas com “supostos transtornos”, e assim, separando objeto-sujeito, deixando de lado a subjetivação do ser humano que é proposto pelo método fenomenológico (Dutra, 2019).

### **Medicalização, o alívio instantâneo na contemporaneidade!**

O tabu no século XX era gritante no que tange o uso de psicofármacos. Para a sociedade, uma vergonha você usar qualquer tipo de psicoativos que seja, pois, remetia ao nominado estado de “anormal”. Famílias escondiam membros que dependiam do uso de medicamentos para não ter que enfrentar comentários da sociedade, dentre outros aspectos.

A medicalização, enquanto possibilidade de sentido historicamente constituída de retificação existencial, não raramente, retira ao homem, relegando a um plano de obscurecimento, o horizonte de sentido existencial que torna possível tal sofrimento psíquico (Nascimento, 2015). Entretanto, é um processo que transforma “experiências consideradas indesejáveis ou perturbadoras em objetos da saúde” (Freitas & Amarante, 2017). Ou seja, é nítida a tendência que é vista na modernidade para uso de substâncias para alívio de qualquer sintoma que surge, tenha a dimensão que tiver.

As populações subalternas que existiam entre o século XIX e o século XX, através do movimento sanitário começam a serem incluídas, porém, não foi tão satisfatório como era o esperado pelos sanitaristas, tendo em vista algumas situações muito complexas ocorridas durante esse processo. São inúmeros casos de abuso sexual, violência moral, estragamento, entre outras atrocidades (Freitas & Amarante, 2017).



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

O mundo globalizado através da tecnologia veio para ajudar em alguma tarefa do dia a dia e, na contemporaneidade, é obrigado a utilizar da tecnologia como meio de obtenção de recursos. Pode-se dizer que com o avanço da humanidade, os indivíduos criaram dependência da tecnologia, por exemplo; o celular - no qual as pessoas não sabem viver sem ter um celular na palma da mão de modo contínuo. Esse é um dos exemplos que ocorre com o uso da tecnologia na era contemporânea, adentrando cada vez mais em nosso cotidiano e contribuindo para mudanças em nosso modo de ser (Giovanetti, 2019). E a tecnologia tem sido utilizada de modo ínfimo, a nosso ver, para que as pessoas, atualmente, entrem em contato cada vez mais precoce com a possibilidade de automedicação e, conseqüentemente, da medicalização exacerbada que é possível verificar-se no dia a dia.

A história da medicina é fundamental para entender o contexto da medicalização no Brasil e como se constituiu perante a sociedade. Iniciamos nossa breve perspectiva histórica a partir do viés da revolução industrial e do movimento vacinal, especificamente este último, na cidade do Rio de Janeiro. Concomitantemente, houve o movimento médico que priorizava questões relativas à saúde pública para além do autoritarismo militar vigente na época. Com isso, a evolução dos cuidados e encaminhamentos para que pudessem ser autorizadas novas pesquisas com psicofármacos indicados para combater doenças, ainda desconhecidas.

Por conseguinte, durante essa era de evolução tecnológica que se deu nas décadas posteriores, o acesso a informação, divulgação de pesquisas, corridas para legalização, produção e comercialização de medicamentos se intensificou, em contrapartida o público de modo geral que, atualmente, tem o contato facilitado com conteúdos referentes a diversas áreas da saúde utilizando a internet, pode tomar a iniciativa de buscar por medicações, seja com prescrição ou não, um exemplo comum é a pessoa sentir determinada dor e pesquisar em qualquer *web site* qual medicação seria eficaz para eliminar os sintomas, antes mesmo de cogitar a ida a um médico ou



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

pronto atendimento de saúde. Nem sempre a ideia principal do sujeito é a investigação de seu quadro clínico para obtenção de possíveis tratamentos, mas na tentativa de supressão de sensações consideradas desagradáveis, independente dos significados que possam estar contidos nelas.

Pessoas estão recorrendo a psicofármacos para aliviar suas dores e conseguir viver no modo êxtase. Os avanços da tecnologia têm propiciado, na atualidade, uma compreensão do existir que paira o equivocado, uma vez que, a todo momento, é trazido via redes sociais que o ser humano precisa se sentir o tempo todo bem, ter qualidade de vida, tornando obrigatório, dessa forma, que os indivíduos precisam ser felizes diante das inúmeras situações cotidianas, mesmo aquelas que resultam de algo inesperado, uma situação-surpresa que maioria das vezes, o retira do lugar ocupado até aquele instante, as facticidades no dizer de Martin Heidegger (2013). Algumas perspectivas midiáticas, via redes sociais, propugnam mensagens impactantes, tais como: viver é prostrar-se diante do outro, em nome de ser feliz a quaisquer custos; sites em que os “gurus” ajudam a melhorar o desempenho e trazer de volta a pessoa amada, sugerindo ações que estão além do alcance da realidade daquela pessoa.

As configurações relacionais, segundo Castro (2023), têm se mostrado como o maior impulsionador da busca pela medicação na contemporaneidade. Conforme pressupõe a teoria de Baumann (2001) vivemos a era da modernidade líquida, onde a fluidez e o espontâneo são características. Considerando estes aspectos, a relação afetiva - alguns denominam amor) também adentra nessa perspectiva, o fluir por entre os dedos, o amor líquido. Percebe-se na atualidade uma contínua busca pelo companheiro ideal, que assuma suas responsabilidades na relação, que possibilite o crescimento dos relacionamentos. Entretanto, não é o que tem sido vivido. Frustrações, mágoas, marcas profundas na alma, gerando violências de todas as espécies, gerando solidão, gerando abandono, gerando rejeição. E quando isso ocorre, talvez a responsabilidade seja observada por um dos parceiros como única e



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

exclusivamente sua e a consequência é se pensar doente, de buscar automedicar-se, maioria das vezes, conforme a mídia, através das redes sociais, têm sugerido.

As redes sociais como Instagram, Twitter, Facebook e o Tiktok, mostram o cotidiano de milhares de pessoas no mundo, uma vez que, foram idealizadas para conectar pessoas que estão longes. Porém, cada plataforma digital tem uma função. Permitem aos usuários várias ações: postar, comentar, compartilhar conteúdos e, concomitantemente, atacar pessoas na tentativa de desprezá-las e lançá-las ao anonimato, ao acrisolamento, o famoso cancelamento das redes sociais.

Como exemplo temos o Twitter, rede social que permite com que pessoas ataquem outras com palavras ofensivas, na tentativa de gerar “engajamento”, “cancelamento” (conforme citado anteriormente) ou polemizar qualquer assunto para se manter em evidência. Nesse ínterim ocorre um efeito cascata, onde as pessoas são influenciadas por um pensamento, a partir de determinada postagem e são lançadas para o ‘lugar de vítima’ perante a sociedade. O que isso tudo quer realmente mostrar no que diz respeito à medicalização na contemporaneidade? Tudo! Tendo em vista que, as pessoas estão recorrendo a medicamentos por não saber lidar com suas frustrações, por serem atacadas em mídias sociais, sem poder se defender. Segundo Horwitz (2002), a definição de doenças mentais é profundamente influenciada por fatores sociais, culturais e políticos, contribuindo para a crescente medicalização dos distúrbios psicológicos. Além disso, existem vídeos que mostram sujeitos contando experiências com medicamentos que foram receitados, ou aconselhadas a tomar, por outras pessoas que aparentemente estavam em alguma situação de crise ou pânico naquele momento.

A não aceitação de padrões de vida, tem levado o ser humano a se submeter às mais diversas buscas, dentre estas, o corpo “ideal”, onde observa-se o uso exponencial de medicamentos para emagrecer, engordar, aumentar a massa muscular, etc. A procura por ver seu corpo ‘transformado’, em acordo com o que a mídia preconiza como perfeito, o premente a ser atingido, a meta e objetivo





**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

necessários, tem propiciado o surgimento de premissas e quadros nosológicos preocupantes. Nessa perspectiva, Ivan Illich (1975) ressaltou que a medicalização excessiva transformou problemas da vida em sintomas de doenças, minando a autonomia e a capacidade das pessoas de cuidarem de si mesmas. Concomitantemente, grupos sociais têm recorrido a medicamentos utilizados de modo paradoxal: para se manter acordado, juntamente com outro medicamento para efeito contrário, dormir. E, com isso, optam por viver no modo automático, sem experienciar os prazeres da vida, sem conseguirem perceber a si mesmos no próprio caminhar. No dizer de Castro (2023) instaura-se o vazio no existir.

A medicalização é para auxiliar e combater, controlar um quadro nosológico instaurado, sinais e sintomas manifestos. Pesquisadores como Armstrong (2005), Aquino, Lima, Lima, Lima & Modesto (2023), Bernieri, Korb, Hirdes & Zanatta (2023), Lemos & Lima (2023), Melo, Rocha, Kour, Rodrigues, Argolo Junior & Ferreira (2023) têm alertado sobre o uso incorreto de psicofármacos, que podem gerar alguma reação futura, prejudicando a saúde de pessoas que não precisam desse movimento. Assim, depreende-se que o uso generalizado de medicamentos como uma resposta para problemas cotidianos está refletindo uma sociedade cada vez mais medicalizada, onde as soluções farmacológicas se tornam predominantes (Armstrong, 2005). Além disso, viver em uma sociedade onde autoridades prezam pelo controle das pessoas e como elas devem agir diante de grupos sociais, impondo regras de condutas, padrões a serem seguidos, como no caso das crianças devem se desenvolver, haja vista que, desde a infância, na sociedade atual, são continuamente diagnosticados e rotulados, tornando-as similares a adultos que não conseguem ser si mesmos.

É nesse sentido que amparados em Ceccarelli, o estudo de Melo, Rocha, Kour, Rodrigues, Argolo Junior & Ferreira (2023) consideram a expressão patologização da normalidade como todo discurso gerador de regras sociais e normatizações de conduta utilizadas para classificar ou etiquetar, quanto para punir. Daí, são regras que



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

determinam como as pessoas devem proceder a partir de parâmetros que, maioria das vezes, desconsideram a particularidade da dinâmica do existir, propiciando a patologização desnecessária da vida humana e, conseqüentemente, ao que nominam como medicalização do sentir.

O filósofo francês Michel Foucault defendeu que a medicalização é um processo de controle social que ocorre quando certos comportamentos, sentimentos ou sensações são categorizados como desvios em relação a um padrão estabelecido. Segundo ele, essa é uma forma de criar normas sociais que limitam a liberdade individual e criam uma cultura de aparência e conformidade (Foucault, 1979). Com isso, pessoas são lançadas em lugares de invisibilidade, inautenticidade, sofrimento, descuido e, dessa forma, são retiradas da sociedade como se estivessem com alguma doença transmissível, impedindo seu direito de ir e vir, que é resguardado pela constituição federal de 1988, vivendo uma vida subalterna.

E o Outro passa a vivenciar, cotidianamente, a sensação de não-pertencimento no que tange à vida, ao nicho sócio cultural, a si mesmo. Diante desse aspecto questiona-se: o que é o normal e o patológico nos dias atuais?

### **Banalização do normal e patológico**

O atual século XXI que vivemos, é visto como a era dos transtornos, pessoas vivendo em um nível de estresse, o individualismo chamado de “Amor próprio”, sujeitos vivendo o cotidiano com vários afazeres e, com isso, tornam-se exauridos, acabam sendo diagnosticados com algum transtorno psiquiátrico. Com isso, milhares de pessoas estão vivendo com diagnósticos equivocados. O exemplo disso é quando são encaminhados para profissionais de saúde mental, são atendidos no máximo em 20 minutos, resultando em prescrição medicamentosa de uso controlado.

A priori, todas as pessoas podem ser patologizadas, uma vez que, na sociedade atual não faltam motivos para o sofrimento. É nítido em nossa existência contemporânea, a vivência de experiências emocionais ou físicas que não nos agradam, dificultando nosso trânsito cotidiano, maioria das vezes, lançando-nos em



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

buscas por uma normalidade exangue, fantasiosa, que invisibiliza e nos torna marionetes do consumo exacerbado de medicação com o objetivo de nos possibilitar lidar conosco mesmos e com os outros. Alguns estudos têm trazido esse consumo exacerbado em várias fases da vida (Paixão, Souza, Silva & Marinho, 2022; Santos, França & Batista, 2022; Secco & Kovalski, 2022; Vieira & Manske, 2022) .

São vários os segmentos que precisam do nosso olhar no que diz respeito à medicalização, um deles a desigualdade social. Afinal, viver em uma sociedade desigual, onde pessoas são visibilizadas pelo que ganham, quem não tem renda líquida acima de 15 mil reais para manter estilos de vida considerados normais, são associadas como sendo acometidas por algum problema mental. Porém, é preciso refletir sobre essa concepção de “problema”, a que nos reportamos quando é observado que grupos minoritários estão sendo colocados como “alienados”, uma vez que, por não ter o que comer, maioria das vezes precisam buscar por um direito básico como ser humano, uma vida digna sem se sentir marginalizada por pessoas que se colocam em um locus de superioridade.

Essa forma de viver desconsidera a alteridade, o que é vivido por cada pessoa passa não somente a ser observado, mas cobrado para que seja feito de forma igual aos que detém algum tipo de influência nas mídias digitais principalmente. A prioridade está contida em ter e não em ser, desse modo o outro é deslegitimado, sua vivência deixa de ter importância, sua historicidade é deixada em detrimento do que a mídia social espera e, na impossibilidade de alcançar esses padrões surge a disfuncionalidade em tentar manter os prazeres de alguma forma, seja por utilização de substâncias ilícitas, vícios ou medicalização, visto que, se não se enquadra no comportamento esperado, dito normal, isso configura uma doença que requer fármacos para que se tenha de volta (ainda que nunca vivida) a tão esperada satisfação e adequação ao parâmetro imposto (Cardoso & Giovanetti, 2019).

A tristeza não é vista como sentimento de “algo triste”, é interpretada como depressão, relacionada como doença, conforme é exposto por livros, sites e



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

comentários das pessoas. Situações que são relacionadas a questões sociais, passando a possuírem nomenclaturas biológica/patológica, encaixando essas pessoas em diversos tratamentos “curativos”, “milagrosos” e “inovadores”. Desconsiderando sua totalidade, sua existência propriamente dita.

Quais parâmetros devem ser considerados nestas situações anteriormente elencadas? A perspectiva da psicopatologia fenomenológico-existencial pode nos possibilitar a compreensão da magnitude dessas vivências contemporâneas.

### **Psicopatologia fenomenológica-existencial**

Os avanços nos campos epistemológicos da psicopatologia na atualidade vem ganhando espaços e pesquisas para o desenvolvimento do acompanhamento realizado com pessoas que apresentam manifestações patológicas conforme preconizam os manuais sobre doença mental. A psicopatologia se fortalece com o médico Karl Jasper, que traz em sua obra psicopatologia geral, evidências de que existe algo a mais a ser buscado, compreendido na vivência singular de transtornos psiquiátricos, ou seja, além do diagnóstico prescrito pelos médicos da época.

Foi a partir de suas pesquisas que a psicopatologia se mostrou “humanizada”, olhando o ser humano em sua totalidade, visto que, ele não é somente o diagnóstico, ele é um ser de possibilidade. Pois, segundo Magnabosco, “a psicopatologia clássica, de base organicista e biológica, traz em si, uma concepção determinista do humano, tirando-o da convicção de ser livre e com indeterminadas (e não infinitas) possibilidades de existir” (2019, p. 135). As contribuições do olhar de Jaspers nesse aspecto foram notáveis para o desenvolvimento da psicopatologia fenomenológica como um todo, por abrir mão do posicionamento estritamente biológico e determinista que são criticados por quem utiliza o método fenomenológico, buscando, ao fazer uso da psicopatologia, considerar a pessoa em sua totalidade.

A fenomenologia como uma ciência de rigor da psicologia, foi criada pelo matemático Edmund Husserl, através de seus estudos com Brentano. Preocupado



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

com o rumo que a ciência estava tomando, separando sujeito-objeto, corpo-mente e homem-mundo, buscou resgatar a essência do homem através de pesquisas e inquietações. Segundo Meira & Castro (2023), o importante de todo o processo científico é que se retornasse às coisas mesmas, ou seja, a ciência retornasse ao sujeito principal de todo o seu objeto, o ser humano.

Além das contribuições de Husserl e a possibilidade de um método que oportuniza a análise dos eventos conforme estes se apresentam ao sujeito, temos as contribuições de Martin Heidegger acerca do resgate do Ser. Visto que a humanidade em suas tentativas de explicar, classificar e conceituar o que é a existência humana, quem é e o que é o ser humano, perdeu-se do que de fato estava diante de todos: o próprio Ser. Fechá-lo em conceitos prévios é, no mínimo o mesmo que já vinha sendo feito na própria psicopatologia, deixando a entender que corpo e mente deveriam ser entendidos de formas separadas, o que vem ser desmistificado por este autor (Castro, 2023; Meira & Castro, 2023).

Para Heidegger (2013), o Ser não se separa de sua realidade, de seu mundo vivido. Portanto, não se fala dele fora de seu mundo, mas como ser-no-mundo, em sua cotidianidade, naquilo que faz parte de sua existência, pois o mesmo não vive descolado de seu mundo. .

A partir dessa forma de se pensar o homem e todo seu contexto, diversos outros teóricos, médicos, psicólogos e estudiosos passaram a rever o modo de tratar das psicopatologias, como Binswanger, por exemplo, que em seus estudos, priorizou a compreensão do mundo vivido da pessoa, mas tomando por base as vivências do sujeito, ou seja considerando a visão de mundo do próprio paciente. (Moreira, 2011).

Do mesmo modo, nesta forma de se pensar na psicologia, psiquiatria e psicoterapia, partindo dos conceitos heideggerianos, inspiraram outros olhares e perspectivas como o caso do psiquiatra e psicoterapeuta suíço Medard Boss, que com base no conceito de *Dasein* que Heidegger utiliza em suas obras, desenvolveu a *Daseinsanalyse*. Nela a atenção é direcionada completamente para a visão do



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

paciente, de suas interpretações, trabalhando sempre na descrição mais precisa possível dos fenômenos vividos, na alteridade do sujeito (Feijoo, 2011).

As contribuições da fenomenologia para a psicologia seguem principalmente por dispor ao profissional da atuação interpretativa dos acontecimentos, para além dos marcadores de classificação por ação de causa e efeito, por exemplo. Aliado a isso, na concepção de psicopatologia fenomenológica, tem-se a possibilidade investigativa de modo condizente com a realidade de cada sujeito, sem desconsiderar o ser em nenhum de seus aspectos, visto o caráter fenomenológico de indivisibilidade da mente e corpo e do homem e do mundo.

Diante dessa visão que a psicopatologia fenomenológica traz, faz-se mister compreendermos a medicalização como algo infreme e avassalador que atinge as pessoas de modo grandioso e que, maioria das vezes, situa toda a ação no objetivo de estar-no-mundo como o outro.

Significa, a nosso ver, que ao buscarmos olhar o ser humano e sua humanidade a partir de lentes mais claras, sem as ambivalências da dotação de uma hipótese diagnóstica tão cara ao mundo atual, poderemos contribuir para o redimensionamento do olhar sobre si mesmo, este sim, necessário e premente.

### **Considerações Finais**

Contribui com a discussão. Eis o objetivo desta reflexão teórica acerca da imbricação entre medicalização, vida contemporânea e psicopatologia fenomenológica.

Vários e diversos são os modos-de-ser no mundo contemporâneo. Por um lado, a busca pela aceitação do outro de quem e como sou, tem fomentado dissabores na vida das pessoas que, diante do não-reconhecimento, por parte da comunidade de quem estou me tornando, fragiliza, diríamos mesmo que vulnerabiliza o humano que, maioria das vezes, passa a ser considerado escória por não acompanhar o “normal”, não estar inserido na “normalidade” efêmera e fugaz característica das



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

configurações relacionais em nossa sociedade. Diante disso, a medicalização se faz necessária para corresponder ao que considero que o outro quer de mim. Deixo, assim, de ser minha própria referência para apenas corresponder ao que as “normatizações” sociais de nossa era digital nos requisita.

Assim, na imbricação entre medicalização, psicopatologia fenomenológica e mundo vivido contemporaneamente, ousamos propor que busquemos, na relação com esse outro que sofre, compreender a pluridimensionalidade do existir em seu aspecto basilar, ser humano e sua humanidade. Que possamos refletir que, a vida nos propicia aprendizagens incríveis, dentre estas, cremos que a mais fundamental é que as pessoas buscam pelo sentido da vida.

Lembremos sempre que a vida não tem sentido, vida é sentido.

### Referências

- Aquino, Alessandra Guimarães, Lima, Juliana de Souza Montenegro, Lima, Luiziane Souza Vasconcelos de, Lima, Luis Davi Alves, & Modesto, Hérica Dantas. (2023). Medicalization of natural childbirth assistance: Profile of pregnancies women in a low-risk maternity hospital. *Enfermería Actual de Costa Rica*, (44), 54252. <https://dx.doi.org/10.15517/enferm.actual.cr.i44.46727>
- American Psychiatric Association (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. DSM-V*, quinta edição. Artes Médicas.
- Armstrong, David (2005). *The Pharmaceutical Fix: The Role of Prescriptions in Our Lives*. Oxford University Press.
- Bauchesne, H. (1993). *Histoire de la psychopathologie*. PUF.
- Bernieri, Jamine; Korb, Arnildo; Hirdes, Alice; Zanatta, Leila (2023). Análise do consumo de psicofármacos por usuários da Atenção Primária à Saúde *Saude e pesqui. (Impr.) ; 16(1): e-11363, jan.-mar.* DOI: 10.17765/2176-9206.2023v16n1.e11363
- Cardoso, Cláudia Lins, Giovanetti, José Paulo (Org.). (2019). *Sufrimento Humano e Cuidado terapêutico*. Edição. 1ª Artesã Editora, p. 75-110.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). Plantão psicológico em escolas da rede pública de ensino em Manaus: possibilidades e perspectivas. *AMazônica –*



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

- Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 9-32.
- Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de, (2011). A Clínica Daseinsanalítica: Considerações Preliminares, *Revista da Abordagem Gestáltica – XVII(1)*: 30-36, jan-jun.
- Freitas, F. & Amarante, P. (2017). *Medicalização em psiquiatria*. Fiocruz
- Foucault, Michel. *História Da Sexualidade*. V. 1. 3ª. ed. Graal.
- Horwitz, Alan (2002). *Creating Mental Illness*. University Of Chicago Press.
- Illich, Ivan (1975). *Nemesis da Medicina: A Expropriação da Saúde*. Editora Nova Fronteira.
- Lemos, Flávia Cristina Silveira; Lima, Bruno Jáy Mercês de (2023). Medicalização, sociedade e a lógica preventivista *Rev. Psicol., Divers. Saúde ; 12(1)fev*.
- Meira, Janderson Costa & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023) *O adolescer, a escuta, a fala e o ser-possível de alunos no plantão psicológico. AMAZônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 51-70.*
- Melo, Chysland Costa Moura de; Rocha, André Sousa; Khour, Mauro Michel El; Rodrigues, Francisco Evalderson Teixeira; Argolo Junior, Cecílio; Ferreira, Antonia Juliana Mesquita (2023). A patologização do comportamento humano como pressuposto da medicalização do sentir *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR* v. 27, n. 5, p.2904-2927.
- .Moreira, Virginia. & Sloan, T. (2002). *Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica*. Escuta.
- Moreira, Virgínia. (2011). A contribuição de Jaspers, Binswanger, Boss e Tatossian para a psicopatologia fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica – XVII(2)*: 172-184, jul-dez.
- Nascimento, Crisóstomo Lima do. (2015). Medicalização e distanciamento da experiência apropriativa. *Fenomenologia & Psicologias*. v 3. n 1. p 45-52.
- Organização Mundial de Saúde (1996). *Classificações Estatístico Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde: CID-10, 10º Revisão*. São Paulo: EDUSP.
- Paixão, Tatiana Monteiro da; Sousa, Ana Inês; Silva, Nina Cláudia Barboza da; Marinho, Gerson Luiz (2022). Uso de Psicofármacos por Usuários Acompanhados pela Estratégia Saúde da Família: Uma Reflexão Teórica *Rev. enferm. Cent.-Oeste Min ; 12*: 4380, nov. DOI: <http://doi.org/10.19175/recom.v12i0.4380>





**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

Santos, Letícia Oliveira dos; França, Valdelice Nascimento de; Batista, Anelice da Silva (2022). As Queixas Escolares e Suas Interfaces em um Ambulatório de Saúde Mental Infantil *Estud. pesqui. psicol. (Impr.)* ; 22(3): 1041-1061, set.

Secco, Ana Caroline; Kovaleski, Douglas Francisco (2022). Do empreendedor de si mesmo à medicalização da performance: reflexões sobre a flexibilização no mundo do trabalho *Ciênc. Saúde Colet. (Impr.)* ; 27(5): 1911-1918, maio.

Vieira, André Gustavo Flausino; Manske, George Saliba (2022). Mídia e medicalização do corpo e da saúde em mulheres praticantes de exercícios físicos em academia *Revista Pensar a Prática* ; 2525, fev.

Zorzanelli, R. T., Ortega, F., & Bezerra Júnior, B. (2014). Um panorama sobre as variações em torno do conceito de medicalização entre 1950-2010. *Ciência & Coletiva*, 19(6), 1859-1868. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014196.03612013>

**Recebido: 20.06.2023**

**Aceito: 18.07.2023**

**Publicado: 07.08.2023**

**Autores:**

**Janderson Costa Meira**

Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Graduando em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas - ESBAM. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: [jandersonmeiraa@gmail.com](mailto:jandersonmeiraa@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>.

**Ewerton Helder Bentes de Castro**

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial –



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X**

LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>

### **Jane da Silva Paes**

Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas -UFAM. Especialista em Psicologia Clínica de Base Fenomenológica pelo Instituto de Ensino Vision. Especialista em Saúde Coletiva pela FAVENI. Bacharela e Psicologia pela UFAM. Coordenadora Técnica da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Supervisora no Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. E-mail: janedasilvapaes@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9683-8518>